

Geopolítica da fome: o Holodomor como instrumento de contenção do nacionalismo ucraniano

Geopolitics of hunger: the Holodomor as an instrument for containing Ukrainian nationalism

DOI: <https://doi.org/10.62496/geseu.v1n1.003>

Cristiane Barboza Lopes da Silva

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil

cristiane.lopes@acad.ufsm.br 

Guilherme dos Santos Schmeling

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil

guilherme.schmeling@acad.ufsm.br 

Karolayni Baldoni Costa

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil

karolayni.baldoni@acad.ufsm.br  

Resumo

A questão nacional foi sempre um tópico muito complexo na história ucraniana. Seu desenvolvimento histórico levou a diferentes visões de um projeto nacional. No período stalinista, essas ideias ocasionaram medidas drásticas por parte do governo soviético, como o advento da Grande Fome entre os anos de 1932 e 1933. Nesse sentido, a presente pesquisa é guiada pela seguinte pergunta: como o Holodomor pode ter sido utilizado pelo governo soviético como um instrumento de contenção do nacionalismo ucraniano? O trabalho tem como objetivo analisar se o Holodomor foi utilizado como instrumento de contenção do nacionalismo ucraniano e, ainda, se este configura um ato de genocídio. Para isso, busca-se: (i) abordar a formação e consolidação do nacionalismo ucraniano; (ii) contextualizar a política soviética para suas repúblicas federativas; (iii) e identificar o que foi o Holodomor e a sua relação com o nacionalismo ucraniano. A pesquisa possui caráter qualitativo, empregando-se o método de abordagem hipotético-dedutivo, guiado pela hipótese de que “o Holodomor foi utilizado como instrumento de contenção do nacionalismo ucraniano”. Para viabilizar a pesquisa, a técnica de revisão bibliográfica é utilizada.

Palavras-chave: Holodomor; nacionalismo ucraniano; Stalin.

Abstract

The national question has always been a very complex topic in Ukrainian history. Its historical development has led to different visions of a national project. In the Stalinist period, these ideas led to drastic measures by the Soviet government, such as the advent of the Great Famine between 1932 and 1933. In this sense, this research is guided by the following question: how could the Holodomor have been used by the Soviet government as an instrument to contain Ukrainian nationalism? The objective of this work is to analyze whether the Holodomor was used as an instrument to contain Ukrainian nationalism, and even if it constitutes an act of genocide. For this, we seek to: (i) address the formation and consolidation of Ukrainian nationalism; (ii) contextualize Soviet policy towards its federative republics; (iii) and identify what the Holodomor was and its relationship with Ukrainian nationalism. The research has a qualitative character, using the hypothetical-deductive method of approach, guided by the hypothesis that “the Holodomor was used as an instrument of containment of Ukrainian nationalism”. To make the research viable, the bibliographic review technique is used.

Keywords: Holodomor; Ukrainian nationalism; Stalin.

Recebido: 23 de julho de 2023

Aceito: 23 de agosto de 2023

Conflitos de interesse: não foram declarados quaisquer conflitos de interesse



Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuição sob os termos da Licença [Creative Commons de Atribuição Não-Comercial Compartilha-Igual 4.0 Internacional \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/) que permite seu uso, distribuição e reprodução em qualquer meio bem como sua transformação e criações a partir dele, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados. Ainda, o material não pode ser usado para fins comerciais e no caso de ser transformado ou servir de base para outras criações, estas devem ser distribuídas sob a mesma licença que o original.

Introdução

A história ucraniana está intrinsecamente associada ao desenvolvimento dos impérios e Estados com os quais fez e faz fronteira. Essa ligação foi fundamental para o desenvolvimento do nacionalismo ucraniano e para as ações da Rússia soviética que, ao visar a destruição de tal ameaça ao projeto da união de suas repúblicas, causou a morte de milhares de cidadãos ucranianos.

O final da década de 1920 e a década de 1930 foi um período de grandes transformações na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Durante a liderança de Joseph Stalin (1927-1953), o Estado soviético passou por significativas transformações econômicas e sociais, sobretudo por meio das políticas de coletivização e industrialização, que impactaram as relações sociais e a formação da sociedade soviética. A busca por uma modernidade alternativa aos padrões ocidentais resultou em mudanças na mobilidade espacial e social, formação de uma classe burocrática influente, mas também expôs contradições e consequências para a população soviética e diferentes nações dentro do país.

Apesar das políticas stalinistas terem significado um avanço relativo para o desenvolvimento soviético, as medidas implementadas pelo governo foram e ainda são alvos de contestações. Uma delas é o evento fatídico do Holodomor entre os anos de 1932 e 1933. Também conhecido como a Grande Fome ucraniana, o Holodomor consistiu na morte de milhões de camponeses ucranianos por meio da fome em massa, provocada pelas políticas de confisco e repressão estatal sobre a massa campesina que era obrigada a cumprir as exigências advindas do Estado.

Dessa forma, a presente pesquisa é norteada pela seguinte pergunta: como o Holodomor pode ter sido utilizado pelo governo soviético como um instrumento de contenção do nacionalismo ucraniano? Desse modo, o trabalho tem como objetivo demonstrar de que maneira o Holodomor foi utilizado como instrumento de contenção do nacionalismo ucraniano. Assim, mais especificamente, visa (i) abordar a formação e consolidação do nacionalismo ucraniano; (ii) contextualizar a política soviética para suas repúblicas federativas; (iii) e identificar o que foi o Holodomor e sua relação com a contenção do nacionalismo ucraniano. Para isso, realiza-se uma pesquisa qualitativa, a partir do método de abordagem hipotético-dedutivo, em que se emprega a hipótese de que “o holodomor foi utilizado como instrumento de contenção do nacionalismo ucraniano”. Para viabilizar a pesquisa, a técnica de revisão bibliográfica é utilizada.

Portanto, a primeira seção aborda a constituição da nação ucraniana como um Estado, enfatizando sua condição geopolítica como norteadora dos caminhos de desenvolvimento nacional. Em seguida, a segunda seção aborda os objetivos e políticas de desenvolvimento do Estado soviético, em especial a industrialização e a agricultura como motores do desenvolvimento e as políticas para as repúblicas federativas. Na terceira seção, resgata-se as discussões sobre a importância do sistema de coletivização para a sobrevivência da URSS e se discute como o sistema pode ter atuado como um instrumento regulador do Estado para conter iniciativas de nacionalização na Ucrânia. Por fim, conclui-se fazendo menção aos principais argumentos abordados neste trabalho, a fim de lançar luz sobre o entendimento da origem e intencionalidade do Holodomor.

Nacionalismo ucraniano

Compartilhando contemporaneamente uma fronteira de mais 2200 km, Rússia e Ucrânia estão intrinsecamente interligadas desde os primórdios de sua história: do surgimento de seus primeiros habitantes a, posteriormente, sua constituição como Estados nacionais. Ao longo dos séculos, os dois países passaram mais tempo como parte de um mesmo Estado do que separados. A Ucrânia é vista geopoliticamente por muitos estudiosos como um limite entre civilizações e uma linha divisória entre impérios distintos. (ZABALA, p.8, 2022).

A origem de ambos os países parte do rus de Kiev¹⁶ e dele se desenvolveram o principado de Vladimir-Suzdal,

¹⁶ “No início do século XVII, Kiev era a capital de um poderoso principado que rapidamente se tornava uma das sociedades mais desenvolvidas da Europa: o Rus” (tradução nossa) (KUBICEK, p. 20, 2008).

base da nacionalidade e do idioma russo, e o Principado da Galícia-Volínia, base da nacionalidade ucraniana (ZABALA, p. 9, 2022). Os caminhos do desenvolvimento ucraniano estiveram sempre ligados aos interesses dos impérios e Estados que foram ascendendo e caindo ao seu redor ao longo dos séculos. Destes, além da Rússia, podemos citar ainda a Polónia, a Lituânia e o Império Austro-Húngaro. Devido ao objetivo deste trabalho, não focaremos em uma linha temporal do desenvolvimento histórico; no entanto, é importante ressaltar que, conforme os diferentes domínios se sucediam na região e a Rússia se desenvolvia, diferentes foram os projetos para afirmação da identidade nacional dos ucranianos. Trataremos desta situação na era soviética.

Durante o período entreguerras (1918-1939), os ucranianos, apesar de emergirem como uma das maiores nações europeias, possuíam ainda uma forte questão nacional a ser resolvida. Além de não contarem com um Estado próprio, os territórios que ocupavam se encontravam divididos entre outros quatro Estados: a Rússia bolchevique, a Polónia, a Romênia e a Tchecoslováquia. A situação se tornava ainda mais complexa pois cada um destes governos via a resolução da questão ucraniana de maneira distinta, variando da complacência à opressão (PLOKHY, 2015).

Entre os projetos nacionais ucranianos que surgiram no período mencionado, os mais influentes foram a variante soviética do nacional-comunismo e o nacionalismo radical. O primeiro se desenvolveu na Ucrânia soviética e o segundo na Galícia e na Volínia, que eram, então, governadas pela Polónia. Naquele momento, a Ucrânia soviética ainda não fazia parte da URSS, o que só veio a ocorrer em dezembro de 1922 (PLOKHY, p. 230, 2015).

Ploky (2015, p. 257) explica que os líderes de Moscou percebiam os ucranianos como a minoria mais “inquieta e rebelde” sob seu comando devido a experiências anteriores de rebeliões e levantes das massas. Portanto, a criação da União levou fortemente em consideração esse aspecto. Para o governo ucraniano, foi dada uma autonomia que era, até então, sem precedentes. Porém, para os ucranianos do campo, a situação não melhorou muito e eles tinham pela administração soviética pouco mais do que a simpatia que teriam por uma força ocupadora. Percebendo a situação, o Partido identificou a necessidade de modificar esse julgamento para poder exercer melhor controle sobre o campesinato.

A estratégia utilizada pelos soviéticos foi a implementação de uma política que promovia tanto as línguas quanto as culturas nacionais. Esta medida é conhecida como *korenizatsiya* ou indigenização. Promoveram, ainda, a formação de quadros de dirigentes locais que substituíssem a antiga elite imperial. Utilizando-se desse sistema, visavam conter quaisquer ressentimentos nacionais. Tais princípios estavam fortemente ligados à visão de Lenin de “amizade entre os povos”. Contudo, a ascensão de Stalin ao poder modificou seriamente essa estrutura (ZABALA, p. 14, 2022).

Para Stalin, russos e ucranianos faziam parte de um mesmo povo, mas ele acreditava que a sobrevivência do regime dependia do apoio do maior grupo étnico entre eles: os russos. A partir dessa visão, era preciso frear as ambições ucranianas de maior independência cultural. Foi o início de um forte período de perseguição a intelectuais da intelligentsia ucraniana que culminou com um julgamento, em 1929, baseado em uma falsa acusação de criação de uma organização chamada União para Libertação da Ucrânia. O argumento utilizado pelos promotores era de que uma revolta estava sendo organizada com o objetivo de criar uma Ucrânia independente. Ainda que sustentado por falsas acusações, o julgamento levou a 15 sentenças de morte, 192 condenações à prisão e 87 condenações ao exílio (PLOKHY, P 234, 2015).

Em 1931, Mychailo Hrushevsky (1866-1934), acadêmico, político e historiador, considerado uma distinta figura pública ucraniana, foi forçado a se mudar para Moscou e seus companheiros da Academia de Ciências enviados para campos de trabalhos forçados, todos acusados por suposta participação em grupos de atividades ilegais. Tais medidas serviram para “decapitar” a liderança intelectual da Ucrânia. Apesar disso, Stalin sabia que a base do nacionalismo ucraniano se encontrava entre os camponeses. Por esse motivo, acredita-se que um dos objetivos da coletivização, que será abordada mais adiante no trabalho, era a destruição dessa base (KUBICEK, p. 102, 2008).

A partir da análise dos acontecimentos deste período, é possível perceber que a própria política soviética inicial de incentivo ao desenvolvimento das nacionalidades presentes na URSS causou o desenvolvimento do sentimento de pertencimento dos ucranianos. As ideias dos intelectuais que surgiram desse período de fomento cultural (indigenização) levaram Stalin a temer o sentimento nacionalista ocasionado pelos estudos dos líderes da intelligentsia. Aliados a esses

fatores, se encontravam os camponeses, para quem a situação não apenas se dificultou diante dos planos de avanço do regime soviético, como tornou-se insustentável ao culminar em um genocídio, conforme será apontado nas próximas seções.

A política soviética para as suas repúblicas federadas nos anos 1930

Compreender a política soviética do final da década de 20 e início da década de 30 é essencial para compreender o contexto político-econômico e social da Ucrânia. Afinal, o Holodomor (1932-1933) é considerado um produto das políticas econômicas da era stalinista (1927-1953), tendo em vista que o evento também significou uma perseguição à massa campesina e à cultura ucraniana.

O período em que Joseph Stalin esteve à frente da URSS (1927-1953) foi marcado por grandes transformações econômicas e sociais. De acordo com Day (1998, p. 1, tradução própria¹⁷) “em seu curso, o país foi transformado de todas as formas imagináveis, não apenas economicamente, socialmente, culturalmente e politicamente, mas também fisicamente”. Afinal, as políticas de coletivização e industrialização, motores do desenvolvimento soviético, impactaram profundamente também as relações sociais e a formação da sociedade soviética. Conforme o autor aponta, “historiadores ocidentais deste período têm há muito tempo focado em três de seus principais tumultos: a coletivização, a industrialização e as expurgações” (DAY, 1998, p. 1, tradução própria¹⁸).

Sob o regime stalinista, ressalta-se que o período foi marcado pela necessidade da URSS se modernizar e construir “caminhos alternativos aos padrões ocidentais no sentido da construção de uma outra modernidade” (REIS FILHO, 2003, p. 84). Devido a esse cenário, o Estado socialista vivenciou uma significativa mobilidade espacial e social durante o crescimento industrial, com migrações maciças, mudanças educacionais e a formação de uma classe burocrática influente (REIS FILHO, 2003, p. 79-82). Desse modo, observou-se as contradições dessa “modernidade socialista” frente às condições reais da maioria da população.

Para Plokhly (2015), apesar de não se poder explicar a década de 1930 somente a partir de Stalin, “não há dúvida de que Stalin e um pequeno círculo de assessores tomaram todas as decisões cruciais do período” (PLOKHY, 2015, p. 245, tradução própria¹⁹). Nesse sentido, cabe compreender o projeto político-econômico stalinista e o papel da industrialização acelerada e a coletivização do campo nesse processo.

Industrialização e a coletivização da terra no contexto da modernidade socialista

Como destacado anteriormente, a década de 1930 é central para fundamentar o modelo socialista no século XX. Conforme Reis Filho (2003, p. 73), ela foi marcada por uma “revolução pelo alto” visando justamente a modernidade socialista, conforme as transformações socioeconômicas pensadas na era Lênin, mas em um novo modelo. Em relação a essas transformações socioeconômicas, destacam-se “a expropriação imediata do capital e a supressão da propriedade privada, coletivizando todos os meios de produção e transformação do país” a partir da transferência de “uma parte importante do potencial econômico da nação para as mãos do Estado e dos seus líderes” (KOVTUN, 2014, p. 2).

Os principais termos relacionados ao projeto soviético de transformação incluíam “industrialização socialista” e “coletivização” (PLOKHY, 2015). A primeira visava uma revolução industrial estatal para aumentar drasticamente a produção industrial, priorizando setores como a indústria pesada e a energia. A segunda envolvia a criação de fazendas coletivas administradas pelo Estado, substituindo a Nova Política Econômica, que permitia elementos de economia de mercado na agricultura.

¹⁷ Do original: “In their course, the country was transformed in every conceivable way— not only economically, socially, culturally, and politically, but physically as well.”

¹⁸ Do original: “western historians of this period have long focused on three of its major tumults— collectivization, industrialization and the Purges.”

¹⁹ Do original: “there is little doubt that Stalin and a narrow circle of aides made all crucial decisions of the period”.

A liderança soviética considerava esses programas, junto com a Revolução Cultural, essenciais para a “sobrevivência do regime comunista em um ambiente capitalista hostil” (PLOKHY, 2015, p. 246). Desse modo, visto que a industrialização dependia da acumulação de capital proveniente da agricultura, Stalin passou a defender uma “transformação econômica e social mais rápida” para alcançar seus objetivos (PLOKHY, 2015).

Assim, os pilares das políticas soviéticas na década de 30 são a centralidade dada às cidades e ao processo de industrialização, além da coletivização de terras. De acordo com Reis Filho (2003, p. 71), os líderes soviéticos defendiam “o fortalecimento da hegemonia da indústria socialista sobre o conjunto da economia e a ideia de alcançar e superar os países capitalistas avançados num curto prazo”. Além disso, o processo de coletivização da terra era “considerado superior e única alternativa a longo prazo do ponto de vista da construção da modernidade socialista” (REIS FILHO, 2003, p. 71).

Nesse sentido, a elaboração do I Plano Quinquenal corresponde a uma virada na trajetória das políticas soviéticas, não somente devido à troca de gestão como também em substituição às orientações do Novo Plano Econômico (NEP) que prevaleceram até 1928 (REIS FILHO, 2003, p. 74). Assim, acelerou-se o processo de industrialização e coletivização, pilares da tal “modernidade socialista”. Conforme Reis Filho (2003, p. 74), “em cerca de cinco meses, do início de outubro de 1929 ao fim de fevereiro de 1930, quase 60% dos mujiks foram coletivizados em kolkhozes (cooperativas) e sovkhozes (fazendas estatais)”. Além disso, “em fins de 1935, 98% deles estavam definitivamente coletivizados.” (REIS FILHO, *id.*).

Frise-se que essas duas políticas foram centrais na formação da estrutura da sociedade soviética. Afinal, a coletivização do campo resultou em “um aumento das migrações internas para as cidades” e “[...] a importância econômica do trabalho forçado é até hoje de difícil mensuração estatística” (REIS FILHO, 2003, p. 77). Da mesma forma, a industrialização acelerada “apoiou-se na opção por um determinado conjunto de setores, considerados estratégicos, [...] e a eles seriam destinados 78% dos investimentos totais.” (REIS FILHO, *id.*). Assim, é importante ressaltar a política de desenvolvimento no contexto da relação da União Soviética com suas repúblicas federativas.

A política de desenvolvimento soviética e suas repúblicas federadas nos anos 1930

Cabe destacar que a distribuição de poder na União das Repúblicas Soviéticas era assimétrica, visto que “o poder da metrópole, assim como o peso demográfico da Rússia era muito maior do que o de qualquer outra das unidades do novo Estado ou, na verdade, de todos eles em conjunto” (SUNY, 2008, p. 87). Contudo, para compreender a tentativa de realização da “modernidade socialista”, não basta apenas compreender a dimensão político-econômica. Afinal, a forma como o governo conduz sua política de desenvolvimento no período interage diretamente com as diferentes unidades nacionais das repúblicas federativas. Nesse contexto,

[a] intensa mobilização da sociedade soviética ao longo dos anos 30 baseou-se em algumas convicções, compartilhadas por largas maiorias. Sem elas, não seria concebível que tanta gente estivesse disposta a tantos sacrifícios num período de tempo tão concentrado. Para o enfrentamento das dificuldades, para superá-las, e alcançar os objetivos dos Planos, construíram-se idéias-força, quase sempre reativando ou atualizando tradições integrantes de uma cultura política comum, enraizada no tempo (REIS FILHO, 2003, p. 82).

Assim, no contexto da NEP (Nova Política Econômica) e do I Plano Quinquenal, cabe considerar as políticas econômicas de desenvolvimento direcionadas às repúblicas federativas. Em especial, destaca-se a já mencionada “política de indigenização”, que “ênfatizava o desenvolvimento econômico das periferias não russas, bem como o apoio e o desenvolvimento das culturas locais” (PLOKHY, 2015, p. 230, tradução própria²⁰).

Assim, quando falamos do projeto da modernização socialista, não só a exaltação desse projeto era suficiente para

²⁰ Do original: “which emphasized the economic development of the non-Russian peripheries, as well as the support and development of local cultures”.
Geopolítica da fome: o Holodomor como instrumento de contenção do nacionalismo ucraniano

arcar com todos os custos do processo. Afinal, com o tempo, “as relações injustas e imperiais entre o centro e as periferias tornaram-se a norma [...]” e “no plano econômico, a ênfase foi na eficiência, frequentemente com desconsideração de fatores etnoculturais” (SUNY, 2008, p. 87). Além disso, “era preciso (...) preparar-se para um processo de exacerbação das contradições sociais, em que todas as armas seriam empregadas de modo implacável por ambos os lados” (REIS FILHO, 2003, p.84). Nesse contexto, ressalta-se a política do Terror empregada por Stalin.

De acordo com Ploky (2015, p. 255), “Stalin utilizou a Grande Fome para transformar a Ucrânia em uma ‘república soviética exemplar’”, de modo que, até o final da década de 1930, a Ucrânia se tornou um modelo de industrialização e coletivização soviéticas. Desse modo, no contexto da sociedade e das políticas soviéticas, a próxima seção aborda o caso do Holodomor na história ucraniana.

O Holodomor como instrumento de contenção do nacionalismo ucraniano

Estando a questão alimentar inerentemente ligada ao desenvolvimento humano e também ao desenvolvimento dos estados nacionais, a produção de alimentos passou a assumir um papel estratégico central durante a história, uma vez que a atividade agrícola passou a representar uma de suas bases edificadoras, reverberando na sua organização interna e externa, e refletindo em duas questões vitais para a sobrevivência humana e estatal: a autonomia energética e a segurança alimentar (TOLEDO, 2015). Dessa forma, a autossuficiência ou escassez de alimentos passou a significar a formação ou declínio do poder nacional.

As principais políticas stalinistas implementadas entre o final da década de 1920 e que perduraram até 1953, como o processo de industrialização direcionada para setores de produção energética e a coletivização das fazendas, representaram decisões vitais para a sobrevivência do comunismo. Tanto a industrialização quanto a coletivização e a revolução cultural nesse período passaram a servir de instrumentos dos bolcheviques para garantir a sobrevivência do regime. Como resultado imediato, os três programas provocaram uma positiva modificação na agricultura tradicional, que se transformou em um setor modernizado (PLOKHY, p. 246, 2015).

A Ucrânia de meados da década de 1930 era considerada a segunda república mais populosa da URSS, contabilizando cerca de 20% do total populacional da União e representando cerca de 2% do seu território. O leste e o sul da república detinham grande potencial industrial, dadas as suas capacidades já instaladas desde o final do século XIX. Também era do conhecimento dos bolcheviques o potencial agrícola de que ela dispunha. Foi nesse sentido que, no outono de 1929, Stalin expandiu o sistema de coletivização das terras ucranianas, exigindo um esforço total dos camponeses. A política atingiu fortemente as áreas produtoras de cereais consideradas as mais fecundas naquela época, bem como coagiu os camponeses a concederem, para além de suas terras, seus animais e equipamentos agrícolas ao Estado (PLOKHY, p. 246-249, 2015).

A política de coletivização enfrentou a resistência de muitos camponeses, que incitaram uma série de revoltas iniciadas na primavera de 1930. Para além das rebeliões, os camponeses ucranianos abatiam animais para evitar o confisco estatal e fugiam para os centros industriais. O Estado compreendia as insurreições como uma forma encontrada pelos camponeses de provocar a fome nas cidades e minarem o setor manufatureiro. Como resposta, o governo utilizou seu exército e a polícia secreta para perseguir os rebeldes que, mesmo sob intensa repressão, resistiram.

As aldeias ucranianas tiveram um tratamento mais severo por parte da elevada exigência de cotas produtivas para que os planos econômicos de Moscou pudessem ser cumpridos. As cotas eram tão elevadas a ponto de não restar nada para os camponeses comerem. A nova política resultou na fome em massa na Ucrânia durante o inverno e a primavera de 1932. Cerca de 80 mil pessoas morreram de fome somente no ano de 1932 na região de Kiev (PLOKHY, p. 250, 2015).

Temendo perder a Ucrânia para líderes partidários pró-independência, Stalin apropriou-se do pretexto do não cumprimento das cotas ucranianas para “distorcer a linha partidária ucraniana” e findar a ucranização de regiões do norte e extremo oriente da república por meio de demissões e prisões de vários funcionários considerados insurgentes. Ao que tudo

indica, o ataque ao campesinato ucraniano andou lado a lado ao ataque da própria cultura ucraniana.

Em 1933, o governo soviético ampliou o cerco sobre os camponeses para o cumprimento das cotas de cereais, punindo aqueles que não as cumpriam através do confisco de fósforos e querosene, cereais, gado e qualquer outro bem essencial que pudesse vir a ser usado no preparo e consumo de alimentos. Entretanto, essa ampliação acabou por levar milhões de ucranianos à fome.

A região ucraniana menos impactada pela fome foi a região sul, mais industrializada do que a região norte. Estima-se que mais de 4 milhões de pessoas tenham morrido de fome entre 1932 e 1934, configurando o episódio que hoje conhecemos como Holodomor, ou a Grande Fome ucraniana (PLOKHY, p. 253, 2015). Apesar do efeito traumático, ao final da década de 1930, a Ucrânia foi transformada em um modelo de república soviética que Stalin desejava, tendo sua produção industrial excedendo conquistas anteriores e o setor agrícola totalmente coletivizado.

A fome como instrumento de guerra: Holodomor, um caso de genocídio?

Na fase inicial da ampliação da coletivização de terras e das constantes elevações das cotas de cereais, a fome generalizada foi o resultado imprevisto e não planejado de diversos fatores somados à desestruturação social e produtiva soviética, tais como: a desorganização do ciclo produtivo em razão da coletivização; os boicotes praticados pelos camponeses aos seus patrimônios como resistência; a própria resistência à coletivização por parte dos camponeses expropriados; e as condições climáticas adversas (RIBEIRO, 2010).

Insatisfeito com a lentidão da arrecadação das cotas ucranianas em 1932, Stalin culpabilizou os dirigentes locais perante os atos de sabotagem e passou a intensificar restrições para os camponeses, de modo que estes ficassem impossibilitados de tirar proveito próprio dos alimentos que produziam. Aos poucos, os dirigentes informavam as autoridades centrais sobre o rápido alastramento da fome, excepcionalmente na Ucrânia e no Cazaquistão, de modo a sensibilizarem o Kremlin para que este reduzisse a pressão sobre o campesinato.

De acordo com Vassylenko (2013), aqueles que negam a intencionalidade genocida do Holodomor ignoram a existência de documentos que comprovam o caráter proposital da fatalidade. Relatórios oficiais do governo soviético em meados de 1932 já denunciavam a falta de alimentos e registros de subnutrição entre as famílias camponesas coletivizadas em diferentes regiões da URSS. A configuração da Grande Fome como um ato de genocídio ocorre quando mesmo sob uma grave crise alimentar, as cotas e os confiscos foram ampliados, sobretudo sobre os camponeses ucranianos (VASSYLENKO, p. 129-132, 2013).

Para Ribeiro (2010, p. 14), a instrumentalização da fome na Ucrânia como ato de genocídio ocorre a partir da percepção de Stalin sobre uma organização conspirativa formada por dirigentes nacionalistas ucranianos, que estariam pondo em risco o controle soviético sobre o território ucraniano, considerado vital para a manutenção da URSS. Dessa forma, tanto os dirigentes quanto os camponeses ucranianos deveriam ser combatidos.

Vassylenko (2013, p.133-134) elenca cinco evidências que caracterizam o Holodomor como ato de genocídio: (i) a decisão do governo em proibir os camponeses ucranianos de abandonarem a Ucrânia durante a Grande Fome; (ii) a repressão sistemática de dirigentes que questionavam os planos de coletivização forçada; (iii) as reservas de cereais estatais não terem sido utilizadas para socorrer os famintos na Ucrânia; (iv) a escassez de alimentos na Ucrânia ter sido agravada pela exportação de cereais e outros alimentos produzidos para o exterior; (v) a negação da fome na Ucrânia pelo governo stalinista, que recusava o auxílio de organizações estrangeiras não governamentais para atenuar a crise alimentar.

A contestação sobre o Holodomor ser considerado um ato de genocídio reside nos argumentos daqueles que alegam a falta de documentos que confirmem a intenção do governo soviético de levar ucranianos à morte por meio da fome em massa. Para Stark (2010), as medidas stalinistas que provocaram a fome na Ucrânia visavam eliminar não somente a resistência camponesa, mas também a memória cultural ucraniana por meio da fome.

O governo utilizava-se do episódio para culpabilizar e perseguir acadêmicos, linguistas e religiosos ucranianos por fomentarem a crise alimentar e a baixa produção de grãos. O fatídico evento também permitiu que os bolcheviques alinhassem o sistema educacional ucraniano ao sistema educacional russo e desmantelassem abruptamente a distinta agricultura tradicional ucraniana para atender aos moldes soviéticos de coletivização.

Em 2006, o parlamento ucraniano definiu o Holodomor como um ato de genocídio contra o seu povo. Grande parte da comunidade internacional reconheceu a Grande Fome ucraniana como tal mesmo sob tentativas russas de contradizer esse argumento (PLOKHY, p. 254, 2015). Embora sob controvérsias, há grande sustentação na literatura de que esse acontecimento tenha sido premeditado a partir de políticas provocadas por atores políticos e não por causas naturais, visto que a fome traumatizou a sociedade ucraniana de forma tão intensa que minimizou qualquer capacidade de resistência ao regime soviético por partes das gerações futuras.

Conclusão

O presente trabalho buscou demonstrar de que maneira o Holodomor foi utilizado como instrumento de contenção do nacionalismo ucraniano. Para isso, na primeira seção, realizamos uma digressão às recorrentes tentativas de composição de uma nação ucraniana, que foi fortemente constrangida pelas políticas stalinistas, as quais resultaram em um episódio traumático para a história cultural e para o desenvolvimento do Estado ucraniano.

Assim, o que se observou na primeira seção é que a história ucraniana é fortemente influenciada pelos acontecimentos ligados aos impérios e países com os quais divide a fronteira. Essas interposições levaram ao desenvolvimento de diferentes visões sobre o desenvolvimento nacional. Ademais, a política de indigenização soviética potencializou o desenvolvimento de uma intelligentsia ucraniana nacionalista que, posteriormente, foi perseguida pelos temores de Stalin de uma possível ameaça à unidade da URSS.

Além disso, o período de liderança de Joseph Stalin na União Soviética foi caracterizado por transformações econômicas e sociais significativas. As políticas de coletivização e industrialização foram fundamentais para o desenvolvimento do país; porém, também causaram profundos impactos nas relações sociais e na formação da sociedade soviética. A União Soviética procurou construir uma outra modernidade, distante dos padrões ocidentais, o que levou a mudanças significativas na mobilidade espacial e social, incluindo migrações em massa, mudanças na educação e a formação de uma influente classe burocrática. No entanto, essas transformações também revelaram contradições em relação às condições reais da maioria da população soviética, assim como geraram consequências às diferentes repúblicas que compunham a URSS.

Contudo, mesmo que Stalin soubesse que a base do nacionalismo ucraniano residia no campo (e entre os camponeses), a coletivização de fazendas projetada pelo governo não tinha como intuito inicial desencadear a fome, mas sim acumular grandes reservas de cereais para financiar o projeto de industrialização da URSS e a expansão do Exército Vermelho. A fome, inicialmente, foi consequência das políticas desastrosas que exigiam o máximo dos camponeses e não recompensavam o mínimo. Entretanto, se tornou um ato de genocídio na medida em que o governo stalinista passou a apropriar-se do evento fatídico para perseguir não apenas os camponeses e dirigentes opositores, mas também a memória cultural da Ucrânia para ferir uma possível insurreição do nacionalismo ucraniano que, naquele período, se revelava latente.

Referências

DAY, Andrew Elam. *Building socialism: the politics of the Soviet cityscape in the Stalin era*. Columbia University, 1998.

- KOVTUN, Olena. (Não) resistir à transformação: o trabalho e a vida dos camponeses ucranianos. Estudo do holodomor de 1932-1933. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 13, p. 129-142, 2014.
- KUBICEK, Paul. *The History of Ukraine*. Westport: Greenwood Press, 2008.
- PLOKHY, Serhii. *The gates of Europe: a history of Ukraine*. New York: Basic Books, 2015.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. Unesp, 2003.
- RIBEIRO, Luís Matos. Holodomor: o Genocídio Ucraniano. *Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos*, v. 2, 2010.
- STARK, Renate. Holodomor, Famine in Ukraine 1932-1933: A Crime against Humanity or Genocide? *Irish Journal of Applied Social Studies*, vol. 10, n. 1, art. 2, 2010.
- SUNY, Ronald Grigor. Ascensão e queda da União Soviética: o império de nações. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, p. 77-98, 2008.
- TOLEDO, André de Paiva. Prosavana: instrumento de cooperação internacional (Norte)- Sul-Sul. In: SILVA, Karine de Souza; CASTRILLON, Carmen Otero Garcia (Orgs.). *III Encontro de Internacionalização do CONPEDI/Universidad Complutense de Madrid*. Madrid: Ediciones Laborum, 2015, vol. 16, p. 181-210.
- VASSYLENKO, Volodymyr. O Holodomor como Genocídio. Uma Avaliação Jurídica. In: *[Holodomor. A Desconhecida Tragédia Ucraniana (1932-1933)]*.
- ZABALA, Juan Pablo. Rusia y Ucrania: algunas claves históricas, identitarias y geopolíticas para entender la guerra. *Perspectivas: Revista de Ciencias Políticas y Jurídicas*, n. 7, 6 dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.ucafp.edu.ar/index.php/Perspectivas/article/view/249>. Acesso em: 21 jul. 2023.